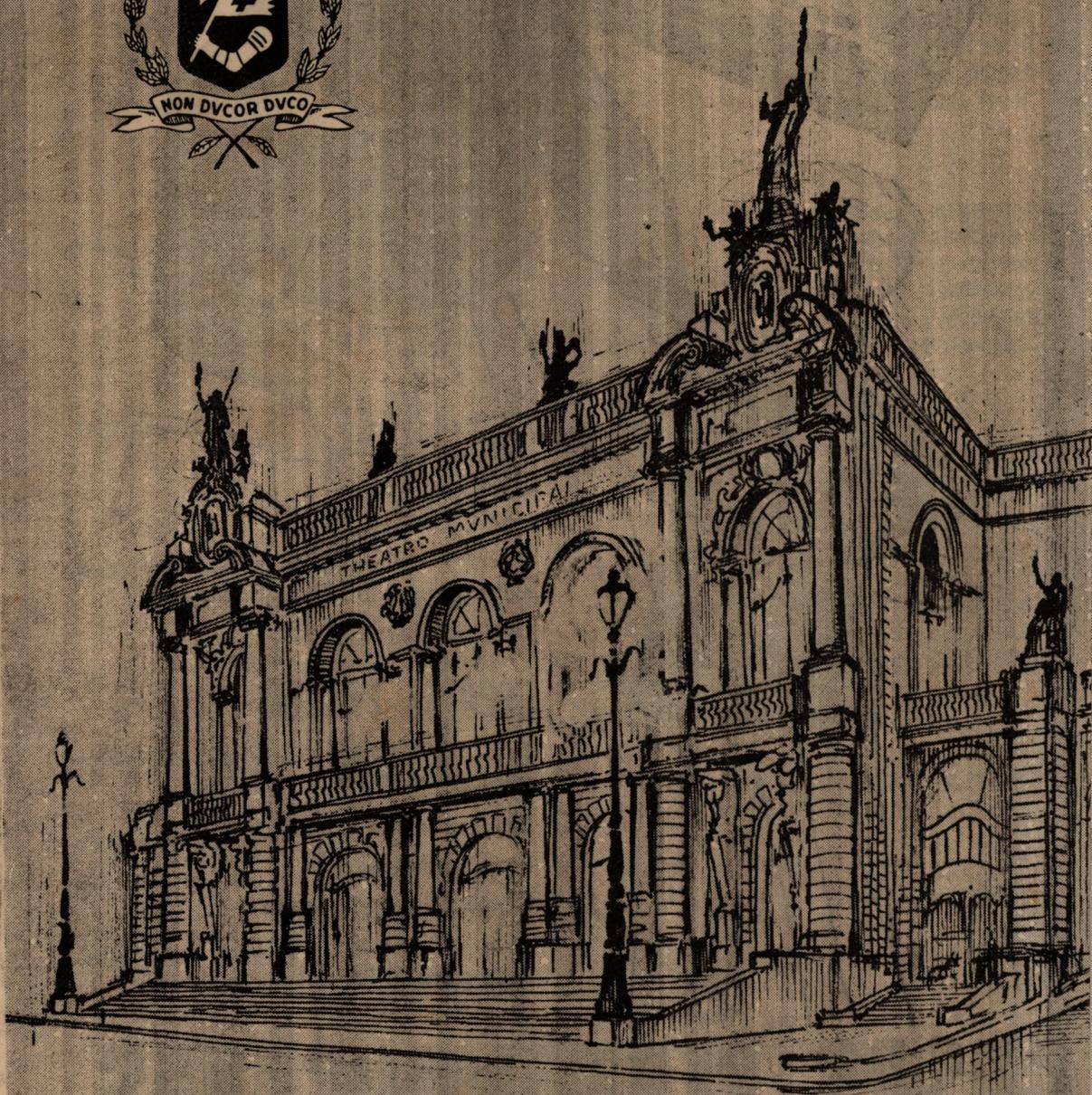


Teatro Municipal



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO



temporada 1968

DISTRIBUIÇÃO GRATUÍTA

camisas



São preferidas pelos que exigem qualidade elegância e modicidade de preços.

ESPORTE - PASSEIO OU COLEGIAL

Branças e em cores
Pano pré-encolhido
Confecção aprimorada

Peça para vê-las nas tradicionais

CASAS PERNAMBUCANAS

ONDE TODOS COMPRAM

CMP 1.2.2.69

ELENCO ARTÍSTICO

SOPRANOS E MEIOS SOPRANOS

- Claudia PARADA
- Virginia ZEANI
- Marta ROSE
- Maria ANTAL
- Martha BASCHI
- Teresa BOSCHETTI
- Lydia FIORE
- Ligia LACERDA
- Dalva NADER
- Niza de Castro TANK

TENORES

- Sergio ALBERTINI
- Ruggero BONDINO
- Airton FACCHINI
- Benito MARESCA
- Vittorio PANDANO
- Enrico VANNUCCI

MAESTROS REGENTES

- Armando BELARDI
- Diogo PACHECO
- Alberto PAOLETTI

BARITONOS E BAIXOS

- Paulo ADONIS
- Afonso AMIRATI
- Wilson CARRARA
- Boris FARINA
- Giovanni GARRITANO
- Costanzo MASCITTI
- Walter MONACHESI
- Andréa RAMUS
- Mario RINAUDO

REGISSEURS

- Bruno NOFRI
- Luorenzo FRUSCA

MAESTROS PREPARADORES

- Marcelo MECHETTI
- Herminia RUSSO
- Raphael CASALANGUIDA

PONTO

- Herminia RUSSO

MAESTRO SUBSTITUTO

- Carlo VENTURA

COREÓGRAFO

- Johnny FRANKLIN

MAESTRO DE CORO

- Marcello MECHETTI

ASSISTENTE COREÓGRAFO

- Lia MARQUES

PRIMEIROS BAILARINOS

- Maria Angela D'ANDRÉA
- Johnny FRANKLIN
- Jurandir GOMES
- Lia MARQUES
- Gilda MÜLLER
- Mozart XAVIER

DIRETORES DE CENA

- Emmerson ECKMANN
- Paulo ANSALDI

CHEFE «METTEUR EN SCÈNE»

- Francisco GIACCHIERI

São Paulo, 11 de Outubro de 1968 — às 21 horas

TEMPORADA LÍRICA OFICIAL DE 1968

Promoção da
PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE CULTURA
em colaboração com a
Empresa ALFREDO GAGLIOTTI

Diretor artístico da temporada — Maestro ARMANDO BELARDI

5ª RÉCITA EXTRAORDINÁRIA

« AIDA »

Ópera em 4 atos de Giuseppe Verdi — Libreto de Antonio Ghislanzoni
Cenários da Cenografia Parravicini de Roma e guarda-roupas
do Teatro Massimo de Palermo

Personagens :

Aida	CLAUDIA PARADA
Amneris	MARTA ROSE
Radamés	SERGIO ALBERTINI
Amonasro	WALTER MONACHESI
Ramfis	MARIO RINAUDO
Il Ré	PAULO ADONIS
Messagero	VITTORIO PANDANO

Intérpretes :

Regente :

Maestro ALBERTO PAOLETTI

Regisseur:
Lorenzo Frusca
Ponto
Hermínia Russo

Diretor do Côro:
Mto. Marcelo Mechetti
Coreógrafo
Johnny Franklin

Maestro substituto
Carlo Ventura
Assistente de Coreógrafo
Lia Marques
Chefe «Metteur en scène»
Francisco Giacchieri
Chefe dos Corpos Estáveis
Guilherme Krüger Netto

Maestros preparadores:
Hermínia Russo
Marcello Mechetti
Raphael Casalanguida

Diretores de Cena
Paulo Ansaldo
Emmerson Eckmann

ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL

Coral Lírico e Corpo de Baile do Teatro Municipal de São Paulo

A Banda, as trombas egípcianas e a comparsaria foi gentilmente cedida pelo Exmo. Sr. Comandante geral da Fôrça Pública, Coronel Antonio Ferreira Marques, estando a Banda sob a coordenação do Major Maestro Rubens Lionelli.

BALLET

Idolo de Jade: Lia Marques — Ivonice S. Yoshimatsu
Idolos Brancos: Eros H. Veloso — Carlos Alberto — Sidney Astolfi

CORPO DE BAILE

Idolos Pretos: Eliana Maria F. Reis — Ivonice Satie — Yoshimatsu — Gilda Muller — Mariangela D'Andréa

Danças dos pequenos escravos pelos alunos da Escola de Bailados Municipal

« AIDA » RESUMO

1.º A T O

Este primeiro ato é constituído de dois quadros: o primeiro, desenrola-se no átrio do Palácio Real, em Menfis. Pela Grande Porta do fundo, ao longe, avista-se as pirâmides e os templos. Ramfis, chefe dos sacerdotes, conta a Radamés, jovem guerreiro, que os etíopes, uma vez mais, ameaçam o vale do Nilo e a cidade de Tebas. Em resposta às perguntas de Radamés, insinua o sacerdote que a deusa Isis nomeará um certo guerreiro, jovem e valente, comandante supremo dos exércitos egípcios. Ao ficar a sós, Radamés reflete sobre a possibilidade de ser êle o escolhido. A música traduz expressivamente as idéias de Radamés. Primeiro o seu espírito bélico, depois, a ternura ao evocar o nome de Aida, ocasião em que interpreta a magnífica ária «Celeste Aida».

A princesa Amneris chegando, interrompe as meditações do jovem soldado que, pela sua expressão, revela que está apaixonado.

Por se julgar a venturosa eleita do seu coração sente-se jubilosa. O jovem procura esconder seus sentimentos, «Forse l'arcano amore». Entretanto, ao entrar a escrava Aida, o terno olhar de Radamés é suficiente para convencer Amneris que é sua escrava a causa do afeto do guerreiro. A princesa procura disfarçar sua decepção tratando com falsa fraternidade sua bela escrava que se encontra amargurada por vêr mais uma vez sua pátria em guerra com os egípcios. As emoções dos três personagens são expressadas no dramático trio «Vieni o diletta».

Entra o Faraó, com grande séquito, comunicando a Radamés sua escolha para comandante dos exércitos egípcios, revelando, ao mesmo tempo o nome do guerreiro que conduz o exército invasor: Amonasro. Nesse momento Aida exclama: «Meu pai», num abafado grito: «L'insana parola». Amneris entrega o estandarte ao guerreiro enquanto o povo prorrompe em brados de guerra, pedindo o extermínio do invasor. Aida, inspirada pelo amor de Radamés, une-se com júbilo ao grito da multidão: «Ritorna vincitor» — ária em que traduz o terrível dilema em que se encontra, entre o amor à sua pátria e o de Radamés.

O segundo quadro desenvolve-se no soberbo tempo de Vulcano, em Menfis, onde se vê, ao pé do altar, o grande sacerdote Ramfis. Do interior ouve-se o canto das sacerdotizas que invocam a deusa Ftha. Em oposição a esta prece ouve-se o canto dos sacerdotes. Um grupo de sacerdotizas desenvolve um bailado com acompanhamento

de harpa e flautas, instrumentos característicos dos antigos egípcios. Entra Radamés. Enquanto as sacerdotizas bailam, Ramfis entrega uma espada ao guerreiro já consagrada pelos supremos seres. Voltando-se para o altar, então solene oração: «Deus protetor e vingador desta sagrada terra!». Todos voltam-se para o altar e entoam, fervorosos, sua invocação à poderosa Ftha, encerrando-se com grande pompa a cena da coroação.

2.º A T O

Este ato também é constituído de dois quadros. O primeiro transcorre nos luxuosos aposentos de Amneris, no palácio Real, onde a princesa prepara-se para a recepção de Radamés que retorna vitorioso da guerra. Aqui é realizado pelas escravas, um característico bailado. Amneris ao perceber que Aida se aproxima, despede as demais escravas, resolvida a pôr em prática seu plano de vingança. Seu orgulho como filha do Faraó não pode conceber que uma simples escrava pleiteie o coração do jovem guerreiro. Dissimulando suas intenções, relata à escrava que Radamés se encontra entre os mortos, no campo de batalha. Aida não se contém, traíndo suas emoções com copioso pranto. Amneris confessa, então, que a enganára e que Radamés vive e ela o ama, ela, filha do Faraó. Pedindo matar Aida prefere que ela assista a festa do triunfo. Aida, a princípio revoltada-se, mas reconhece desde logo seu erro, suplicando a Amneris que tenha compaixão de seu amor por Radamés. Esse emocionante dueto «Fu la sorte dell'armi» apresenta uma melodia formosa e de eloquente expressividade, pois traduz, com intenso colorido, o contraste de sentimentos entre as duas mulheres.

No segundo quadro a cena apresenta uma das portas da entrada da cidade de Tebas, onde se vê, à direita, o templo de Amon e a praça repleta de enorme multidão. Entra o Faraó seguido de seus ministros, sacerdotes e de toda a corte, indo sentar-se no trono. Vem depois Amneris, seguida de Aida, indo sentar-se ao lado esquerdo do pai. O povo canta majestoso hino «Glória ao Egito e a Isis» — Aos acordes da «Marcha Triunfal», as tropas egípcias começam a desfilar. A seguir, entra em cena um grupo de bailarinas, exibindo o tesouro dos vencidos. Segue-se o desfile dos carros de guerra, sendo Radamés recebido com regozijo. Este recebe de joelhos, das mãos da princesa, a coroa de laurel e do rei, o juramento de lhe satisfazer o que pedir. Determina, então, a entrada dos prisioneiros. Entre êles vem Amo-

nasro, pai de Aida e rei da Etiópia, vestido de simples soldado. A jovem escrava reconhece o pai, correndo até ele, que lhe pede para não o atraiçoar. Em seguida conta aos presentes como morrera o rei etíope aos seus pés. Encerra seu discurso implorando para que os prisioneiros sejam tratados com clemência pois foram também soldados. A súplica de perdão e de misericórdia do povo e dos prisioneiros desenvolve-se em eloquente oração. Radamés implora vida e liberdade para os pobres vizinhos, recordando ao monarca seu solene voto de mercê. Apesar da advertência de Ramfis de que os inimigos levam no coração a chama da vingança, o Faraó cede, estabelecendo, porém, uma condição, que como garantia de paz e segurança, permaneçam Amonasro e Aida como reféns entre os egípcios. Anuncia em seguida a Radamés que como prêmio pela sua vitória lhe ortoga a mão de Amneris. Segue-se então um magnífico final musical que constitui uma das páginas mais eloquentes de Verdi. Amonasro planeja sua vingança prometendo a Aida dias de ventura na pátria distante. Amneris sente-se eufórica por ver coroados seus planos, enquanto Aida e Radamés sofrem imensa tortura. Este conflito de emoções tão diversas se entrelaça com o hino triunfal do povo, dos sacerdotes e do Faraó, formando uma das cenas mais impressionantes de toda a ópera.

3.º A T O

Transcorre às margens do Nilo. E' noite de luar. As palmeiras crescidas entre as rochas, formam um conjunto fantástico. Ao longe as pirâmidas avistando-se, ao alto, o Templo de Isis, semi oculto.

As frases executadas pelos violinos servem de fundo à melodia do oboé, descrevendo o ambiente das estranhas e misteriosas margens do Nilo. Do interior do Templo ouvem-se as vozes das sacerdotizas que, na véspera do casamento de Amneris e Radamés, entoam suavemente um hino de louvor e intercessão. De um barco descem Amneris, Ramfis, um grupo de mulheres e alguns soldados, dirigindo-se todos para o templo. Mal esse grupo desaparece, surge Aida que vem ao encontro de Radamés, para lhe dar o último adeus, e, quem sabe, para encontrar nas obscuras águas do Nilo, a paz e o esquecimento! Estes sinistros pensamentos a fazem recordar seus tempos de criança em sua longínqua terra. Então a romanza «Ó patria mia». Ainda se encontra presa de suas recordações quando inesperadamente surge seu pai, Amonasro. Com espanto, ao vê-lo naquele local, traduz esse sentimento em «Ciel! Mio padre!»

O pedido de perdão aos prisioneiros, feito por Radamés, foi suficiente a Amonasro para compreender o amor que ele

nutre por Aida e na paixão que sua filha também sente pelo guerreiro egípcio. Amonasro encontra um meio de fuga e mesmo de vitória, porém Aida fica aterrorizada ao ouvir as insinuações de seu pai e lhe suplica que não a faça levar a cabo tal intenção. «Revidrai le foreste imbalsamate». Com crueldade, este lhe diz, téticamente — acusando-a de traição à pátria — «Não és minha filha, dos faraós tu és escrava!» — «Su, dunque».

Não resistindo à evocação do patriotismo, Aida cede afinal, e neste momento Radamés se aproxima enquanto Amonasro se esconde atrás de uma palmeira. Procura abraçar Aida, porém esta, impulsionada pelo pavor das instruções de seu pai, exige que Radamés parta com ela, provando assim seu amor: «Pur ti riveggo mia dolce Aida». Este trecho em que Aida diz a Radamés que fujam das paragens inóspitas daquelas terras, forma um impressionante diálogo. A princípio Radamés procura resistir, porém, o encanto daquela noite oriental, a sedução da presença de Aida e a desesperada perspectiva de seu forçado casamento com Amneris, contribuem para debilitar sua resolução. Em seguida, Radamés se abandona às suas próprias emoções, sonhando com a ventura de seu amor ao lado de Aida nas terras etíopes. Estão prontos para fugir quando Aida hábilmente obtém a revelação da estrada planejada pelo exército egípcio, «Madimai». Radamés, inadvertidamente revelára um grande segredo militar! Amonasro sai do seu esconderijo e revela ser não só o pai de Aida como o rei dos etíopes. Com um argumento bem astuto faz vê-lo a Radamés que ele não é culpado, e sim o próprio destino, acrescentando — «além do Nilo, o amor coroará os votos do seu coração». Amneris, que regressa do Templo, chega a ouvir tudo. Louca de ciúmes, acusa Radamés de traidor. Amonasro e Aida logram escapar. Radamés, vítima de remorsos, sem forças para acompanhá-los, entrega sua espada a Ramfis, rendendo-se vencido.

4.º A T O

Este ato é constituído de dois quadros. O primeiro transcorre numa sala do Palácio Real, onde Amneris, triste e agitada encontra-se ao pé da porta que conduz à sala de julgamento. Sua rival conseguiu escapar e Radamés aguarda a pena que lhe cabe, como traidor.

Em meio de sua angústia profunda, tem uma idéia: manda chamar Radamés. A hora do julgamento está próxima porém ainda poderá ser salvo mediante uma condição, condição essa que Radamés compreende imediatamente: «Gia i sacerdoti adunanzi».

Amneris promete esforçar-se para fazê-lo feliz, uma vez que ele nunca mais se

aviste com Aida. Confessa, então, que somente Amonasro encontra-se preso e que Aida desapareceu. Ante a relutância de Radamés, o amor de Amneris se converte em ódio. Radamés rodeado de guardas é conduzido à sala de julgamento, enquanto Amneris fica só com seus sofrimentos causados pelo castigo que ela mesma atraiu sobre o homem que ama. Ao voltar-se vê os sacerdotes que cruzam a cena e entram na sala subterrânea. A princesa permanece atenta e calada enquanto ouvem-se as vozes desapiedadas dos acusadores de Radamés. Finalmente a voz de Ramfis pronuncia a sentença: «Morrerá sepultado vivo sob o altar dos deuses, indignados, cujos atributos nobres — lealdade e justiça — foram ofendidos por Radamés».

A cena do segundo quadro é dividida em duas partes: O plano superior representa o interior do Templo de Vulcano, resplandescendo de luz; o inferior, é um subterrâneo sob o altar dos deuses, onde Radamés encontra-se encostado às grades da escada por onde descera, sob a enorme pedra que fecha sua entrada. No plano supe-

rior os sacerdotes trancam o sepulcro de Radamés. Este, certo de que se encontra só, abandona-se às suas reflexões, na belíssima romanza, «La fatal pietra». Seus últimos pensamentos são dedicados à Aida. Repentinamente ouve-se um gemido: é Aida que, prevendo a pena que seria imposta a Radamés, veio ao seu encontro para morrer a seu lado: «Murir si pura e bella».

Os cânticos das sacerdotizas ouvem-se naquêlê lugubre recinto, como hino de morte. Radamés procura, em vão, remover a pesada pedra que os separa do mundo. Não o conseguindo, resignados, então, a morrer, iniciam o esplêndido dueto final: «O terra, Addio». A música é desenvolvida com frases amplas, sugerindo a profundeza do infinito e a paz da eternidade.

A cena final apresenta Amneris chorando desconsolada sobre o túmulo de Radamés enquanto, na obscuridade do sepulcro, os amantes, em êxtase de amor, morrem entrelaçados.

JUDITH CABETTE
Redação Musical da O.S.M.



CHEVROLET



Cada fabricante de veículo visa determinado objetivo: uns, a economia; outros, a velocidade. Há os que pensam em resistência. Ou em conforto para os passageiros. Quanto a nós, achamos que tudo isso é importante. E resolvemos juntar tôdas essas características num só veículo — o Utilitário Chevrolet. Com Delcotron; tração positiva, beleza de linhas, suspensão macia e confortável e a insuperável qualidade Chevrolet.



BRASIL

MARCA DE EXCELÊNCIA